

**UNIVERSIDADE EVANGÉLICA DE GOIÁS - UNIEVANGÉLICA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**GABRIELA CAMARGO FLEURY
ISABELLE CIRQUEIRA RODRIGUES**

LUTO NA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO

**ANÁPOLIS
2024**

GABRIELA CAMARGO FLEURY
ISABELLE CIRQUEIRA RODRIGUES

LUTO NA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO

Trabalho de Conclusão de curso apresentado à
Universidade Evangélica de Goiás –
UniEvangélica, como requisito parcial à
obtenção do título de bacharelado em
Psicologia.

Orientador (a): ARTUR VANDRÉ PITANGA

ANÁPOLIS

2024

GABRIELA CAMARGO FLEURY
ISABELLE CIRQUEIRA RODRIGUES

LUTO NA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO

Trabalho de Conclusão de curso apresentado à
Universidade Evangélica de Goiás –
UniEvangélica, como requisito parcial à
obtenção do título de bacharelado em
Psicologia.

Orientador (a): ARTUR VANDRÉ PITANGA

Banca Examinadora

Prof. Artur Vandrê Pitanga
Professor-orientador – Presidente da Banca
Centro Universitário de Anápolis - UniEvangélica

Prof.(a) Tatiana Valéria Emídio Moreira
Professor – Convidado

Centro Universitário de Anápolis - UniEvangélica

Anápolis, 04 de dezembro de 2024

RESUMO

O estudo em questão procurou abordar a variabilidade presente nas formas de entender a perda, pois no decorrer da humanidade existiram diferentes modos de interpretar a morte e vivenciar o luto. De acordo com a pesquisa realizada, o Modelo do Processo Dual do luto é uma teoria recente que vai tratar esse processo de maneira dinâmica, levando em consideração a singularidade do enlutado. Sabendo que, o luto é uma consequência psicológica e emocional decorrente de uma série de respostas comportamentais a perda significativa, o indivíduo vai procurar se regular emocionalmente após a perda dos reforçadores que existiam na relação com o objeto de apego, então, quando há essa ruptura o indivíduo passa a experimentar uma mudança significativa no seu ambiente. Dito isso, a Análise do Comportamento vai entender esse acontecimento como um conjunto de respostas em interação com o ambiente, onde o modelo de seleção e a variação por consequência vão influenciar nas respostas relacionadas à perda. Portanto, o presente trabalho realizou uma revisão de análises contidas na literatura, com intuito de contribuir com as informações relacionadas ao luto na perspectiva analítico-comportamental.

Palavras-Chave: Luto, Morte, Análise do Comportamento, Extinção, Modelo de seleção

1. INTRODUÇÃO

Entende-se por luto na Análise do Comportamento um fenômeno universal resultante de perdas que envolvem um conjunto de reações. O que se vê é um conjunto de respostas de interação com o ambiente (Hoshino, 2006), envolvendo diversos processos comportamentais, tanto os encobertos quanto os publicamente observáveis. Portanto, pode-se dizer que é uma reação a uma modificação ambiental, que também envolve as variáveis filogenéticas, ontogenéticas e culturais. Tendo em vista que luto é um assunto pouco abordado, muitos não enxergam a relevância em entender o que acontece após uma perda e evitam falar sobre os sentimentos em volta dela, por isso é possível afirmar que o tema apresentado é de suma importância para o meio social e acadêmico. Portanto, o presente estudo tem como justificativa esclarecer de maneira acurada como o luto se desenvolve através da abordagem analítico-comportamental, buscando mostrar como os eventos externos e internos podem interferir no processamento da morte de um objeto de apego.

Deste modo, a finalidade desta pesquisa é contribuir com as informações acerca do luto na Análise do Comportamento, adentrando nos conceitos relacionados à morte e aos sentimentos do enlutado. Sendo que, os objetivos específicos são: realizar uma revisão e análise das informações contidas nas fontes bibliográficas acerca do luto, definir e explicar o conceito de luto diante da perspectiva analítico-comportamental e explorar, por meio de revisão da literatura e estudo de autores relevantes no tema, aspectos importantes e aspectos adicionais do luto, como as variáveis filogenéticas, ontogenéticas e culturais. Explorando contudo os fatores filogenéticos, que se manifestam através de mutações biológicas, sendo mantidas devido ao valor adaptativo que promovem a sobrevivência dos que permanecem, ontogenéticos, que fornecem o repertório que oriente o indivíduo na forma de lidar com as perdas e o rompimento, e por fim, o cultural, que determina a forma como a comunidade compreende as características da morte, incluindo a finitude da vida, com falas religiosas, rituais, e outros aspectos.

Ademais, sabendo que a morte é um acontecimento inevitável, o luto será algo que todos irão vivenciar em algum momento, sendo de grande importância entender como o indivíduo enlutado reage a essa mudança. Dentro da Análise comportamental, existem diversas pesquisas que abordam este assunto, e explicam como a perda dos reforçadores de objetos de apego pode desencadear consequências aversivas. Dito isso, o trabalho em questão visa responder a seguinte pergunta: O que é luto de acordo com a perspectiva teórica da Análise do Comportamento?

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Soledade e Souza (2021), explicam que a morte é representada como algo subjetivo na sociedade, onde o indivíduo tem sua própria concepção a respeito da finitude através do que lhe foi ensinado. Sendo assim, a religião, a cultura e os valores norteiam o que cada pessoa acredita acerca dessa temática, influenciando também a forma que o sujeito irá reagir ao passar pela perda de um objeto reforçador. Portanto, no decorrer da humanidade existiram diferentes formas de vivenciar o luto. Os povos do Egito Antigo preparavam as tumbas com decoração, porque a morte era entendida como uma continuidade da vida, então era necessário garantir que os mortos tivessem uma boa “vida” após falecer (Soledade & Souza, 2021). Enquanto no judaísmo acredita-se que a morte simboliza o fim do corpo material, havendo uma separação da alma para um mundo diferente. E por fim, o cristianismo enxerga a alma como imortal e o falecimento como uma passagem para uma vida eterna (Soledade & Souza, 2021). Portanto, existem diferentes crenças a respeito da morte e diversas formas de vivenciar o luto, os exemplos ilustrados acima são apenas um pequeno recorte perto dos múltiplos rituais registrados na história da raça humana.

O luto é um acontecimento universal decorrente de uma perda de um objeto de apego, o que resulta em sentimentos e comportamentos direcionados ao restabelecimento da relação com esse objeto perdido (Nascimento, Meirelles & Amíssis, 2015). Nesse processo o enlutado perde os reforçadores que existiam na relação, levando-o a adquirir novos repertórios comportamentais, algo que pode gerar estímulos aversivos.

San Martín (2022) fala a respeito das formas de não aceitar a perda de uma pessoa, a primeira seria o que ela chamou de mumificação, onde o indivíduo guarda os objetos do falecido ou mantém o quarto do mesmo jeito que estava antes de ocorrer a morte. Outra maneira que remete a negação, é o esquecimento seletivo, momento em que o enlutado não se recorda das características do morto, funcionando como uma espécie de proteção que impede o sujeito de encarar a dor da perda. Além disso, também foi conceituado a negação da irreversibilidade da morte, que é algo comum na religião espírita por trazer a crença de que ainda haverá um contato com a pessoa falecida. Dito isso, é necessário enfatizar a importância do enlutado se adaptar à realidade após uma perda significativa, pois por diversas vezes surge um comportamento de fuga que vem de uma tentativa de não vivenciar o sofrimento (Soledade & Souza, 2021). Portanto, para que não ocorra uma sobrecarga emocional, física e cognitiva decorrente da não adaptação às novas contingências, deve haver

um ajustamento interno, externo e espiritual para então encontrar uma conexão com a pessoa falecida e iniciar uma nova vida.

A morte escancarada por ser inesperada não permite preparo prévio, além de envolver múltiplos fatores que podem dificultar a sua elaboração, como: perdas múltiplas (morte de várias pessoas da mesma família), perdas invertidas (filhos e netos que morrem antes de pais e avós), presença de corpos mutilados, desaparecimento de corpos e cenas de violência (Kóvacs, 2003). O tipo de morte pode afetar diretamente na vivência do luto, como também deve ser considerada a relação anterior com o falecido, especialmente a dependência tanto emocional quanto financeira, o apoio social e a percepção sobre a morte.

O que realmente existe é um ser humano único, com uma história única, que portanto, expressará sua perda tão somente a partir dessa sua história (Worden, 1998). Dessa forma, os comportamentos manifestados durante a expressão do sofrimento pela perda em um processo de luto são individuais e estão associados a diversos fatores como, o vínculo com o falecido, dependência emocional e financeira, a percepção diante da vida e morte.

O fato de o luto ser reação a uma modificação, geralmente ambiental, implica que ele é um conjunto de respostas de interação com o meio. Como estas interações são comportamentos, o luto e seus problemas podem ser abordados pela análise comportamental que se fundamenta no neobehaviorismo radical (Hoshino, 2006). As interações todavia estão presentes em qualquer etapa da vida, desde o nascimento, sendo esse meio no qual os indivíduos constroem vínculos que podem desenvolver e prosperar em ambientes familiares, profissionais e sociais, variando em sua profundidade e durabilidade, alguns são caracterizados por uma intensidade significativa e longa duração, enquanto outros são frágeis e superficiais. Portanto, compreender e analisar as particularidades do luto exige um processo complexo e amplo, no contexto terapêutico. Compreender as nuances permite que o terapeuta forneça oportunidades ao enlutado de expressar seus sentimentos e comportamentos encobertos. O papel do terapeuta diante ao enlutado é primordialmente permitir que ele viva a dor a fim de auxiliar na aceitação da realidade perante a morte e a finitude da vida, todo esse processo deve ser encorajador.

Diversos autores explicaram o luto e suas fases, uma das teorias mais conhecidas é a criada por Kübler-Ross (1981), de acordo com ela o enlutado passa por 5 estágios, sendo eles: a negação, considerada como um mecanismo de defesa para se proteger da dor da perda, o que diminui o impacto da notícia; a raiva, uma reação emocional que se relaciona com o sentimento de abandono; barganha, descrita como uma negociação que envolve a espiritualidade do sujeito, nessa fase o remorso surge e o enlutado sente que não fez o

suficiente pela pessoa que faleceu; depressão, ocorre uma baixa interação com o ambiente; e por fim, a aceitação, onde a pessoa passa a aprender a viver sem aquele reforçador. Essa teoria foi rebatida por construir uma expectativa do que seria um processo normal de luto, dando a entender que existe um comportamento adequado e esperado para viver esse momento.

Além de ser considerada uma explicação simples a respeito das reações referentes a perda, que não engloba uma análise dos acontecimentos de uma forma que respeite a singularidade do indivíduo. Stroebe, Schut e Boerner também criticam a falta de fundamentação teórica e de evidências empíricas (Franco, 2021).

Azevedo e Pereira (2013) classificaram o luto em quatro fases, a primeira foi nomeada a fase de choque, podendo durar algumas horas ou semanas e ser acompanhada de desespero ou raiva, além de expressões emocionais internas, como ataques de pânico. A segunda fase é a de busca pela pessoa perdida, que pode durar meses ou anos. O terceiro estágio consiste na desorganização e desespero, onde muitas vezes a pessoa torce para que aquela perda não tenha acontecido de fato, o que trás um sentimento de esperança de reencontrar o falecido. No último estágio ocorre uma forma de aceitação e entendimento de que aquela perda foi definitiva, dando início a constatação de que uma nova vida precisa ser recomeçada. Ademais, foram elaboradas três possíveis complicações psíquicas observadas no comportamento da pessoa enlutada, sendo: Luto crônico, caracterizado por inquietação e insônia; Luto inibido, diminuição das reações referentes a perda; E luto adiado, respostas são eliciadas pelos eventos de forma tardia (Azevedo & Pereira, 2013).

Entretanto, segundo Pitanga (2022), o Modelo do Processo Dual do Luto é uma proposta mais recente que foi desenvolvida por alguns autores com o objetivo de auxiliar no entendimento dos sentimentos do enlutado. Pois trata esse acontecimento como um processo dinâmico, onde ocorre uma oscilação de comportamento, explicando que a pessoa em luto pode confrontar as tarefas relacionadas a perda ou evitá-las, ou seja, o enfrentamento é adaptativo.

Sendo assim, Silva e Ferreira-Alves (2023) elucidam as três dimensões do luto propostas por Stroebe e Schut. A primeira seria a orientação para a perda, nesse momento vai ocorrer uma orientação da pessoa enlutada para as características da pessoa falecida, como uma necessidade de recolocar os laços com o morto. A segunda foi conceituada como uma orientação para o restabelecimento, referente a consequências secundárias relacionadas à perda que desencadeiam eventos internos e externos estressores, nesse momento surge a necessidade de estratégias de “coping” para conseguir lidar com tais acontecimentos. Por fim,

a terceira dimensão é a oscilação, conceituada como uma alternância que ocorre entre a orientação para a perda e orientação para o restabelecimento. Em síntese, o Modelo do Processo Dual do luto trata o falecimento como uma parte do processo do luto, dando ênfase também aos estressores secundários que uma perda pode desencadear. Dito isso, o psicoterapeuta deve levar em consideração a variedade de comportamentos que uma pessoa enlutada pode apresentar.

Desde o início, Skinner buscou analisar o comportamento humano de forma científica, inspirado nas ciências naturais e defendendo uma abordagem abrangente para o estudo das ações humanas. Com o tempo, especialmente após introduzir o conceito de comportamento operante, ele incorporou a biologia em sua visão.

Diante disso, no momento em que referimos ao comportamento, de acordo com Skinner (1981/2007), pode ser entendido como produto de três níveis de seleção por consequências: o nível filogenético (seleção natural), o nível ontogenético (seleção pelas consequências de classes operantes durante a vida do indivíduo) e nível cultural (seleção de práticas culturais). Em um nível filogenético, o luto pode ser exposto como um conjunto de respostas selecionadas ao longo da evolução humana, assim, favorecendo a sobrevivência da espécie. A filogenética exhibe as consequências da seleção natural no organismo, destacando as particularidades compartilhadas pela espécie, que resultam de sua composição genética e biológica, correspondendo ao processo evolutivo da linhagem, sendo moldados pela seleção natural. No nível ontogenético, o luto é moldado pela história de aprendizagem individual, no qual influência diante das reações e comportamentos de cada indivíduo. Sendo assim, com a ausência do ente querido, os comportamentos entram em um processo chamado de extinção operante, onde a fonte de reforço não está mais presente.

A seleção ontogenética, em contrapartida, nos permite compreender os efeitos do condicionamento operante, ou seja, é denominada como um mecanismo de aprendizagem de novos comportamentos, onde as mudanças ocorrem no repertório comportamental durante toda a vida do indivíduo. Já a seleção cultural centraliza o estudo e compreensão de como o indivíduo é influenciado pelo ambiente social ao qual pertence, considerando as influências culturais e ambientais, através de normas e imitações de comportamentos e valores que se tornam úteis para a sobrevivência de um grupo, sendo esse, mediado pelos outros dois.

Partindo do pressuposto de que o luto é compreendido como uma sequência de respostas comportamentais perante uma perda significativa, é possível notar que o processo envolve um intervalo no conjunto de reforçadores que o indivíduo fornecia, sejam eles atenção, amor, carinho ou outros tipos de interações reforçadoras, com a perda desses reforçadores, o

enlutado enfrenta uma mudança significativa em relação ao seu ambiente, o que influencia em suas respostas habituais. Diante disso é possível citar alguns princípios básicos do comportamento presentes nesse processo, como extinção, que com a perda, os comportamentos que anteriormente eram reforçados pela presença do indivíduo não encontram mais em reforço, gerando uma série de respostas emocionais, ou seja, a extinção operante ocorre quando o comportamento que anteriormente era reforçado deixa de ser seguido por um reforçador, o que acontece logo após a perda da pessoa querida.

A interação entre o modelo de seleção e variação por consequência influencia e configura o nossos comportamentos intervindo assim diretamente nas respostas individuais à vida e, por extensão, à morte. Em suma, o comportamento humano é um produto da união de (i) contingências de sobrevivência responsáveis pela seleção natural das espécies e (ii) contingências de reforço responsáveis pelos repertórios adquiridos pelos membros, incluindo (iii) as contingências especiais mantidas por um ambiente social evoluído (Skinner, 1981). Dessa forma, o comportamento humano surge de uma profunda interação entre influências biológicas, como a adequação às contingências de sobrevivência e a seleção natural, como também as influências do ambiente, e as contingências de reforço e as do ambiente social no qual vivemos. As influências atuam em conjunto, com o intuito de formar os padrões de comportamento que as pessoas desenvolvem ao longo de suas vidas dentro de uma sociedade.

Partindo do pressuposto de que os comportamentos são selecionados ao longo da ontogênese em função das consequências, tal qual ocorre na seleção e preservação de um caráter evolutivo. Esta similaridade permite que usemos o paradigma da análise funcional também na filogênese do luto. Deste modo, o amar e o perder são os eventos importantes da situação, as reações a essa perda são tidas como comportamento, e por fim, a superação é a consequência. (Hoshino, 2006). Nascemos para morrer, conhecemos pessoas para as deixar e ganhamos coisas para as perder, diante dessa profecia budista, podemos destacar que vivemos uma constante luta contra a impermanência.

Nesse contexto, a noção acerca da profecia pode ser interpretada à luz dos princípios do reforçamento (processo comportamental utilizado para aumentar a frequência de um comportamento) e da extinção operante (quebra da relação de contingência entre uma resposta e uma consequência pela suspensão do reforçamento). Desde o momento do nascimento, estamos expostos a uma série de estímulos e eventos que moldam nossas respostas comportamentais, ao se relacionar com o outro emitimos diversos comportamentos perante a essa pessoa, aos quais muita das vezes são reforçados, e quando nos deparamos com a morte há essa ruptura na relação entre a resposta e o reforço, eles não seguem o mesmo

caminho, conseqüentemente não serão mais submetidos aos mesmo reforçadores emitidos antes da perda.

Em suma, Millenson (1967) descreve o processo de extinção em três partes: 1) um declínio gradual, algo irregular, na taxa, marcado por aumentos progressivos na frequência de períodos relativamente longos de não resposta 2) um aumento na variabilidade da forma (topografia) e da magnitude da resposta; 3) um rompimento gradual no elo ordenado do comportamento fortalecido. Assim que ocorre a perda é provável que aconteça a negação, diante disso a busca constante e o aumento na frequência de comportamento são inevitáveis, já as variações na forma e na intensidade da resposta comportamental podem ocorrer em topografias e magnitudes distintas, quando pensamos na quebra gradual da relação notamos um declínio na frequência da resposta, onde não é mais reforçadora, passando assim a diminuição na emissão de respostas diante do falecido.

Esses eventos no entanto são inerentes à vida humana, e nossa capacidade de adaptar-se a essas circunstâncias é fundamental para nossa sobrevivência e bem-estar, porém para compreender a resposta de um sujeito perante a morte, é necessário analisar juntamente com seus comportamentos públicos e privados relacionados a essa perda, uma análise funcional da história de interações desse sujeito com a morte de forma geral, como a causa específica dessa morte, importância do falecido, as relações históricas e atuais são demasiadamente importante incluindo seu ambiente físico e social, como a igreja, amigos, redes sociais, mídias.

3. MÉTODO

No presente estudo, foi conduzido um levantamento sistemático de artigos e autores pertinentes ao tema, conforme disponíveis na literatura, com o objetivo de analisar, descrever e compreender a natureza do luto e seu processo. Este escopo busca, especificamente, identificar práticas e intervenções relacionadas à análise do comportamento aplicadas neste contexto.

Para facilitar a coleta de dados, foram selecionadas informações relevantes para contextualizar a temática, como o contexto histórico referente ao luto, as fases do luto, os aspectos filogenéticos, ontogenéticos e culturais do luto. Esses elementos proporcionarão uma base sólida para a investigação abordada, permitindo uma compreensão mais abrangente

e aprofundada do fenômeno do luto e suas implicações baseadas no cenário analítico-comportamental.

Para realizar esta revisão bibliográfica foram selecionados 24 artigos através da ferramenta de busca “Google Acadêmico”, dos quais utilizamos 12 para embasar o projeto. Todavia, 11 artigos foram publicados em revista e 1 se apresenta como uma monografia. Ademais, os itens incluídos precisavam falar acerca da temática proposta, demonstrando de forma acurada quais as características do luto de acordo com os autores relevantes e abordando também a análise do comportamento. As palavras-chave utilizadas deram-se em “Luto”, “Análise do comportamento”, “Morte” e “Fases do luto”. Além dos periódicos, 6 livros foram escolhidos para explicitar o tema de maneira coerente, dando apoio a filosofia em questão.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Tabela 1

Como a sociedade passou a enxergar o luto e as formas que o indivíduo elabora a perda de reforçadores de acordo com alguns autores. Ademais, referenciamos o Modelo do Processo dual do luto, dando ênfase nesta abordagem mais recente que descreve o luto de maneira singular.

Autor	Revista publicada	Título	Ano	Método	Conclusão
Ana Karina Silva azevedo e Maria Aldeci Pereira	Clínica e Cultura	O luto na clínica psicológica: Um olhar fenomenológico	2013	Qualitativo	Este artigo explica como o homem na sociedade ocidental busca não vivenciar o luto para não encarar a própria dor.
Ana Karina Curado Rangel, Flávia Nunes, Lorena Bezerra, Ana Elisa Valcacer-Coelho,	Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva	Uma homenagem a João Claudio Todorov: O luto e a morte na perspectiva da	2021	Qualitativo	O presente artigo presta uma homenagem ao doutor João Claudio Todorov, além de explorar a

Cristiano Coelho, Reginaldo Pedroso, Samuel de Araujo, Matheus Andrade, Bárbara Adrielle Gomes, Karla Cristina Nunes, Louanne Emanuelle, Hellen Ormond, Vivian Figueiredo e Viviane Alonso.		Análise do Comportamento			temática “morte” e “perda” através da análise do comportamento. Explicando também as fases do luto conceituadas por Elizabeth Kübler-Ross e James Worden.
Cloves Antonio de Amassis Amorim, Diogo Cesar do Nascimento, Gabriel Meirelles Nasser e Tatiany Honório Porto	Psicologia Argumento	Luto: uma perspectiva da terapia analítico-compor tamental	2015	Qualitativo	O artigo em questão aprofunda na teoria do luto proposta por Worden, onde o enlutado sofre por perder uma pessoa ou objeto significativo e posteriormente é obrigado a adquirir um novo repertório comportamental, o que gera um sofrimento significativo.
José Ferreira-Alves e Maria das Dores Ferreira da Silva	Psicologia: Reflexão e crítica	O luto em adultos idosos: natureza do desafio individual e das variáveis contextuais em diferentes modelos	2012	Qualitativo	Explica as três dimensões abordadas no modelo do processo dual de lidar com o luto, reforçando que a oscilação emocional é um sinal de evolução.
Jay Moore	Revista Brasileira de Análise do Comportamento /Brazilian Journal Behavior Analysis	Seleção comportamental por consequências	2018	Qualitativo	O artigo apresenta uma proposta teórica e conceitual sobre a seleção comportamental levando em consideração os aspectos biológicos do

					organismo abrangendo os níveis filogenéticos, ontogenéticos e culturais
B. F Skinner	Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva	Seleção por conseqüências	2007	Qualitativo	O texto realiza uma análise acerca do comportamento humano abrangendo os três níveis de conseqüências ..
Maria Matos, Lígia Machado, Maria Lúcia Ferrara, Maria Silva e Maria Hunziker.	Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa	O modelo de conseqüenciação de B. F. Skinner	2012	Qualitativo	O texto aborda o papel da conseqüenciação nos processos do comportamento, explorando-a sob três perspectivas: ontogenético, filogenético e cultural, o artigo amplia a compreensão sobre a interação entre esses níveis.
Angelo Augusto Silva Sampaio	Psicologia: ciência e profissão	Skinner: sobre ciência e comportamento humano	2005	Qualitativo	O presente texto visa apresentar aspectos relacionados a noções de ciência e comportamento humano e assim ressaltar as transformações ao longo do tempo.

Os termos apresentados na tabela exemplificam como o processo do luto sofreu modificações na sociedade ocidental, pois o homem passou a temer e negar a morte por não querer enfrentar a própria fragilidade. Além de ilustrar a distinção entre a forma que os povos

do antigo Egito tratavam o processo da morte e os rituais presentes na sociedade moderna, abordando também a diferença existente entre as religiões nesse processo.

Os estágios conceituados por Kübler-Ross (1981), foram desenvolvidos a partir dos relatos dos pacientes que se encontravam em fase terminal, onde analisaram suas reações, necessidades e comportamentos ao se depararem com uma doença fatal. Portanto, as fases surgiram com o intuito de agregar nas pesquisas relacionadas ao morrer, onde o enfoque não era o luto pós morte. Sendo assim, o luto antecipatório se enquadra nos estágios desenvolvidos, que por sua vez consiste em sentir a perda sem a pessoa ter falecido. De acordo com Massocatto e Codinhoto (2020), os familiares do paciente em fase terminal também vão passar por etapas diferentes de adaptação, se assemelhando aos processos vividos no luto com a morte.

Ademais, é possível fazer a análise funcional do luto a partir das 5 fases criadas por Kübler-Ross (1981), pois o comportamento de sentir raiva e a barganha ilustram as reações perante a perda do reforçador. Enquanto a aceitação, descrita como última fase do estágio, seria a consequência devido ao declínio na frequência da resposta decorrente da extinção do reforço.

Conforme Hoshino (2006), os animais também enfrentam um processo estressante acarretado pela perda, exemplificando que os pinguins órfãos passam um período procurando os pais. Entretanto, ao não encontrarem ficam imóveis e encurvados nas periferias das colônias, se tornando indiferentes às bicadas das aves de rapina que provocam sangramentos em diversos locais do corpo, demonstrando seu desamparo em relação à perda. Deste modo, a filogenética da espécie vai corresponder com a reação do enlutado ao se deparar com a morte de um objeto de apego.

Com a modernização da sociedade é possível notar a forma que o luto passou a existir no mundo cibernético, tendo em vista que por vezes o enlutado expressa em suas redes sociais a dor sentida em decorrência da perda através de postagens ou recados direcionados ao falecido. De acordo com Oliveira-Cruz (2011), essas mensagens direcionadas a alguém que não está vivo tem como função manter o vínculo, mas pode aparentar a negação da morte por prolongar a existência do falecido. Entretanto, ao analisar sob a perspectiva do Modelo do Processo Dual do Luto, pode-se dizer que ocorre uma orientação para a perda, por apresentar uma necessidade de recolocar os laços com o morto. Ademais, em casos onde os falecidos ainda permanecem no ambiente virtual, o luto passa por uma ressignificação, onde o enlutado permanece com uma relação com a representação do morto (Oliveira-Cruz, 2011).

O comportamento humano pode ser entendido a partir do nível filogenético, ontogenético e cultural, a seleção ontogenética permite o aprendizado de novos comportamentos. Sendo assim, reforçadores são perdidos no processo do luto e torna-se necessário que o enlutado desenvolva novos repertórios comportamentais. As três dimensões propostas por Stroebe e Schut abordam essa capacidade do ser humano em aprender novos repertórios, pois na terceira dimensão é explicado que no restabelecimento é necessário que a pessoa enlutada lide com as consequências secundárias relacionadas à perda.

Ao tratar do comportamento humano, é possível ressaltar a presença de três níveis de causalidade segundo Skinner (1981/2007): a filogênese, a ontogênese e a cultura. A filogênese corresponde ao processo evolutivo, ou seja, é definida pelos comportamentos que aumentam as chances de sobrevivência e reprodução de uma espécie sendo moldados pela seleção natural. Esse processo beneficia certos comportamentos geneticamente, relativos à genética do indivíduo, permitindo-os que se tornem mais aptos a determinadas atividades. Já na evolução ontogenética, as mudanças ocorrem no repertório comportamental individual. A ontogênese refere-se ao progresso e à transformação dos comportamentos ao longo da vida do indivíduo, influenciada pelas experiências e contingências do ambiente. Cada indivíduo possui sua individualidade, assim construindo o seu repertório comportamental com base nas interações com o meio em que vive. O terceiro nível, o cultural, representa um processo de seleção que se dá coletivamente. Por meio da imitação e regras, os comportamentos e valores primordiais à sobrevivência são transmitidos de geração em geração. Com o tempo, as práticas se transformam e assim vão substituindo as antigas à medida que deixam de ser reforçadas, beneficiando o grupo como um todo.

Desde o início, Skinner (2007) buscou compreender o comportamento humano de forma científica, inspirado assim nas ciências naturais, alegando que o estudo requer uma abordagem científica ampla, devido a sua complexidade. Com o passar dos tempo, suas concepções foram revisadas, algumas alteradas e outras excluídas, principalmente após a introdução do conceito de comportamento operante. E após essas revisões ele passou a integrar a biologia em sua visão científica, reconhecendo que o comportamento humano resulta da interação dos fatores de três níveis de seleção por contingências, entre eles, a histórias filogenética (seleção natural/espécie), ontogenética (condicionamento/ambiente) e cultural (evolução da cultura/sociedade). Essa nova perspectiva incorpora a teoria da evolução por seleção natural, atribuindo à ciência do comportamento o entendimento de que os processos seletivos operam nos três níveis.

A seleção por consequências é um mecanismo causal observável em seres vivos e em máquinas que produzem. A história do comportamento humano remonta ao surgimento da primeira molécula capaz de autorreplicação, um marco inicial da seleção por consequências. A reprodução, em si, foi a primeira consequência, e o comportamento evoluiu, criando vínculos entre organismo e ambiente. Com o condicionamento respondente (pavloviano), comportamentos anteriormente moldados pela seleção natural passam a ser controlados por novos estímulos. Já o condicionamento operante, sendo representado como a segunda forma de seleção por consequências, permite que novas respostas sejam reforçadas por eventos consecutivos. O compromisso das consequências no comportamento humano é analisado diante dos três níveis apresentados. As características biológicas e comportamentais são adaptadas pelos processos seletivos, fortemente inspirados pela interação entre o organismo e o ambiente, o que levou Skinner a usar a evolução das espécies como referência e mais tarde integrar a seleção cultural como o terceiro nível.

Na filogênese, a mudança ocorre na reserva da espécie, e a nível comportamental, os indivíduos respondem a diferentes estímulos conforme sua sensibilidade. Na ontogênese, a modificação acontece no repertório comportamental e é transmitida aos descendentes através do modelo de aprendizagem. O comportamento verbal, resultado da evolução de uma característica da musculatura vocal, elevou a importância da seleção cultural. Na evolução cultural, as mudanças ocorrem nos dois níveis, filogenético e ontogenético, através de planejamento do grupo. As práticas culturais são aplicadas e implementadas para garantir a sobrevivência comunitária. Cada nível de variação e seleção contém uma disciplina específica: biologia para o primeiro, psicologia para o segundo e antropologia para o terceiro.

Em resumo, o comportamento humano é o produto das A) contingências de sobrevivência, que promovem a seleção natural, B) contingências de reforço, que moldam os repertórios individuais, e C) contingências culturais, mantidas por um ambiente social evoluído. Sendo assim, todos esses processos apresentados são regidos pela seleção natural.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como finalidade justificar de maneira acurada como o luto apresenta-se na abordagem analítico-comportamental, contribuindo com a exploração do tema através de uma revisão da literatura. Sendo possível analisar através das fontes bibliográficas as informações acerca do luto, explicar o conceito da perda de acordo com a abordagem analítico-comportamental e explorar o estudo de autores pertinentes ao tema

Por meio desta análise qualitativa, foi possível perceber como a forma de enxergar a morte sofreu mudanças no decorrer da história da humanidade, incluindo os múltiplos rituais descritos no decorrer da história que vão sofrer variação de acordo com a cultura.

No decorrer da pesquisa nota-se que os seguintes autores Kübler-Ross, John Bowlby, Colin Murray Parkes, William Worden e Maria Julia Kovács, falaram a respeito do luto e das suas fases e são estudos importantes, pois trouxeram uma compreensão acerca desse acontecimento universal que é a morte e os sentimentos relacionados a ela. Todavia, esses achados não respeitam a singularidade do indivíduo em alguns aspectos, por não considerar a variabilidade de comportamentos que esse evento aversivo pode ocasionar. Entretanto, o Modelo do Processo Dual do Luto é uma teoria recente que abrange melhor a complexidade dos comportamentos relacionados à perda, pois trata o enfrentamento como algo adaptativo dando ênfase também aos estressores secundários desencadeados.

A Análise do Comportamento vai explicar esse fenômeno através dos três níveis de seleção: o nível filogenético, o nível ontogenético e o nível cultural, então o modelo de seleção e a variação por consequência vão influenciar nas respostas relacionadas à morte. Abordando também o processo de extinção operante, onde ocorre a suspensão do reforço de forma abrupta. Tendo em vista que, existe uma ruptura na relação entre a resposta e o reforço ao se deparar com a perda de um objeto de apego, onde por fim, ocorre a diminuição na emissão de respostas diante do falecido.

Em suma, este trabalho contribui com as pesquisas relacionadas à perda, por trazer comparativos das teorias passadas com as atuais. Ademais, por ser um assunto pouco debatido em sociedade e por não ser levado para o meio acadêmico com a frequência que deveria, tornou-se uma pesquisa relevante de caráter introdutório para aqueles que gostariam de entender a relação existente entre o luto e a análise do comportamento.

Um agravante deste estudo foi encontrar pesquisas relacionadas ao Modelo do Processo Dual do Luto, por ser uma teoria mais recente, existe uma quantidade reduzida de artigos com este tema. Em trabalhos posteriores pode ser possível desenvolver de forma aprofundada os conceitos relacionados a esse novo modelo de enxergar os comportamentos do enlutado.

REFERÊNCIAS

- Azevedo, K. S., & Pereira, M. A. (2013). O luto na clínica psicológica: um olhar fenomenológico. *Clínica cultura*, 2(2), 54-67. <https://periodicos.ufs.br/clinicaecultura/article/view/1546/1695>
- Benvenuti, M. F., & Baia, F. H. (2022). Comportamento e seleção pelas consequências: a análise do comportamento no Brasil entre o dogma e a ciência. *Psicologia USP*, 33. <https://doi.org/10.1590/0103-6564e210126>
- de Farias, A. K. C. R., Fonseca, F. N., Nery, L. B., Valcacer-Coelho, A. E., Coelho, C., Pedroso, R., Fonseca, S. A., Andrade, M., Silva, B. A., Gomes, K. C., Almeida, L. E., Ormond, H., Figueiredo, V., & Sperandio, V. A. (2021). Luto: Uma homenagem a João Claudio Todorov. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 23, 1–16. <https://doi.org/10.31505/rbtcc.v23i1.1687>
- Franco, M. H. P. (2021). *O luto no século 21: Uma compreensão abrangente do fenômeno* (Cap.3). São Paulo: Summus.
- Hoshino, K. (2006). A perspectiva biológica do luto . In H. J. Guilhardi & N. C. Aguirre. (Org.). *Sobre Comportamento e Cognição* (Vol. 17, Cap, 30, pp. 313-326). Esetec Editores Associados.
- Kübler-Ross, E. (1981). *Sobre a morte e o morrer* (8a ed; P. Menezes, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1926)
- Massocatto F. I., & Codinhoto E. (2020). Luto Antecipatório: Cuidados psicológicos com os familiares diante de morte anunciada. *Revista farol*, (11)11, 128-143. <https://revista.farol.edu.br/index.php/farol/article/view/262/205>
- Matos, M., Machado, L., Ferrada, M., Leite, M., Silva, M., Andery, M., & Figueiredo, L. (1989). O MODELO DE CONSEQÜENCIAÇÃO DE B. F. SKINNER. *Psicologia: Teoria E Pesquisa*, 5(2), 137–158. <https://periodicos.unb.br/index.php/revistaptp/article/view/17065/15551>

Millenson, J. R. (1975). *Princípios De Análise do Comportamento. Edição Brasília: Coordenada Thesaurus. (Trabalho original publicado 1967)*

Moore, J. (2018). SELEÇÃO COMPORTAMENTAL POR CONSEQUÊNCIAS. *Revista Brasileira de Análise Do Comportamento*, 13(2). <https://doi.org/10.18542/rebac.v13i2.5905>

Nascimento, C. D., Meirelles, G. N., Amíssis, C. A. A., & Porto Honório T. (2015). Luto: uma perspectiva da terapia analítico-comportamental. *Psicologia Argumento*, 33(83), 446-458. <https://doi.org/10.7213/psicol.argum.33.083.AO01>

Oliveira-Cruz, M. C. B. F. de. (2011). Expressões virtuais da dor: notas sobre as manifestações de luto na internet. *Intexto*, 1(24), 176-191. <https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/11086>

Pitanga, A. V. (2022). Quando a morte bate à porta: terapia comportamental e luto. In F. N. Fonseca, L. B. dos Santos, & A. L. L. Freire (org). *Luto: Teoria e intervenção em Análise do comportamento*. 13-30. CRV.

Sampaio, A. A. S. (2005). Skinner: sobre ciência e comportamento humano. *Psicologia: Ciência E Profissão*, 25(3), 370–383. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932005000300004>

San Martin, L. (2022). Quatro ensaios sobre o luto. [Monografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. Lume. <http://hdl.handle.net/10183/255182>

Silva, M. D. D. F. D., & Ferreira-Alves, J. (2012). O luto em adultos idosos: natureza do desafio individual e das variáveis contextuais em diferentes modelos. *Psicologia: Reflexão e crítica*, 25(3), 588-595. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722012000300019>

Soledade, S. G., & Souza, L. C. G. (2021). O peso do Luto: Um Estudo Sobre as representações da Morte e o Processo do Luto na Sociedade Contemporânea. *Epitaya E-Books*, 1(10), 101-131. <https://doi.org/10.47879/ed.ep.2021328p101>

Skinner, B. F. (2007). Seleção por conseqüências. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental E Cognitiva*, 9(1), 129–137.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-55452007000100010

Torres, N. (2010). Luto: a dor se perde com o tempo (... ou não se perde?). Garcia, M. R., Abreu, P. R., Cillo, E. N. P., Faleiros, P. B., & Queiroz, P. P. (Orgs.). (2010). *Sobre Comportamento e Cognição: (Vol. 27, Cap 34, pp. 385-393)*. Análise experimental do comportamento, cultura, questões conceituais e filosóficas. Santo André: ESETec.